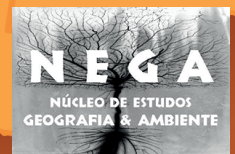


VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**



QUILOMBO DOS MACHADO

Eu aprendi, com o Mestre Ratinho e com a capoeira, a ter orgulho do que eu sou. A não ser como o sistema quer que eu seja, e, sim, como EU SOU. A não ter vergonha de como eu me visto; de onde eu venho. E é isso que a capoeira ensina para esses moleques. É isso que eu espero desses moleques no futuro: não ter vergonha de onde eles vêm; de quem eles são. É bonito, aqui, chamar “Quilombo dos Machado”. Só que isso, aqui, antes de quilombo, é FAVELA. Isso é favela. Isso é RESISTÊNCIA. Porque o quilombo de ontem é a favela de hoje, em função de todo o processo de marginalização, que o quilombo sofreu. ao longo da história do Brasil.

Acho que ser quilombola é ‘tá preparado para o que pode e para o que não pode acontecer. Externa e internamente. Externamente, é você saber que, em qualquer momento, o sistema pode criar uma lei, para te prejudicar, até mesmo, para terminar com comunidades quilombolas no Brasil. No Brasil inteiro. Com as comunidades indígenas, também. É você ‘tá preparado, para resistir e para se defender do próprio sistema capitalista, que quer tomar dos índios e dos quilombos. Do negro, do periférico. Do pobre. Das pessoas pobres. Tirar a identidade, tirando a tua moradia. Tirando aquilo a que tu tem direito, que é um lugar para morar. Tirando isso, a pessoa fica sem identidade, fica desamparada. Tu vai lutar como, se tu não tem nem onde morar?

Internamente, é você ter a visão da periferia, para sobreviver no dia a dia, com tanta criminalidade, dentro das periferias. A gente tem que ‘tá preparado, dentro do quilombo, para isso, também; jogar o jogo da vida. Ser quilombola é isso aí. É você resistir, sobreviver, lutar e insistir. Tem essa palavra: INSISTIR.

Quilombo, para mim, nessa experiência, que eu ‘tô vivendo, é o maior espírito comunitário que eu já vi. Eu passo por situações, aqui, vendo as pessoas se fortalecendo, se ajudando, fazendo as coisas acontecer, porque isso fortalece a todos, né. Cada um ajuda um pouquinho, como pode, e tu vê as coisas acontecerem. Principalmente, pra ajudar as crianças. Tem aqueles mutirões, para ajudar com material escolar... comunidade, mesmo.

Em poucos lugares no Brasil existe isso. Isso é ser quilombola. As pessoas da comunidade se fortalecendo, se ajudando, onde prevalece o coletivo, e, não, o individualismo.



VERSÃO DIGITAL

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado; CAMILO (JAMAICA), Luís Rogério Machado; CAMILO, Rodrigo Machado; SANTOS, Maria Lúcia dos; ANTUNES, Vanda Tamires da Silva; MARQUES, Kátia; ARAÚJO, Onir de; PEREIRA, Patrícia Gonçalves; FERREIRA, Josiel; PIA, Marcos Aurélio; OLIVEIRA (seu BAGÉ), Paulo Jorge; VIEIRA, Elisandro Oliveira; *et al.* Quilombo dos Machado. In: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; BITENCOURT, Lara Machado (orgs). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 221-250

Elisandro Oliveira Vieira, “Caçapa”
Professor e capoeirista, morador do
Quilombo dos Machado



NARRATIVAS ESPACIAIS DO QUILOMBO DOS MACHADO

O Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro está localizado na zona norte de Porto Alegre, ao longo da rua Rocco Aloise, no bairro Sarandi (Figura 1). É formado por mais de 300 famílias, oriundas da Vila Respeito, e também por imigrantes estrangeiros, vindos, principalmente, do Haiti, e por brasileiros, vindos das regiões Norte e Nordeste.

Esta comunidade ocupa e reivindica seu território, desde 7 de setembro de 2012, e seu nome reflete a complexidade de sua formação. Convivem, neste território, as reivindicações pela terra, enquanto reparação geo-histórica, através da família Machado, que tem em Luís Rogério Machado Camilo, o Jamaika, e em Vanda Tamires da Silva Antunes, a Tamy suas principais lideranças políticas (Figura 2). Soma-se a isso a reivindicação pela moradia e pela absorção da mão de obra, gerada pelo êxodo rural, que se identifica como Vila 7 de Setembro. Ambas as nomenclaturas evidenciam a luta pela terra urbana, travada por esses sujeitos, que são marginalizados no processo de desenvolvimento capitalista.

A história da comunidade do Quilombo dos Machado nasce com a Vila Respeito e com o bairro Sarandi. O bairro Sarandi está localizado na zona Norte de Porto Alegre, na várzea do Rio Gravataí, que, até o início do século XX, era uma

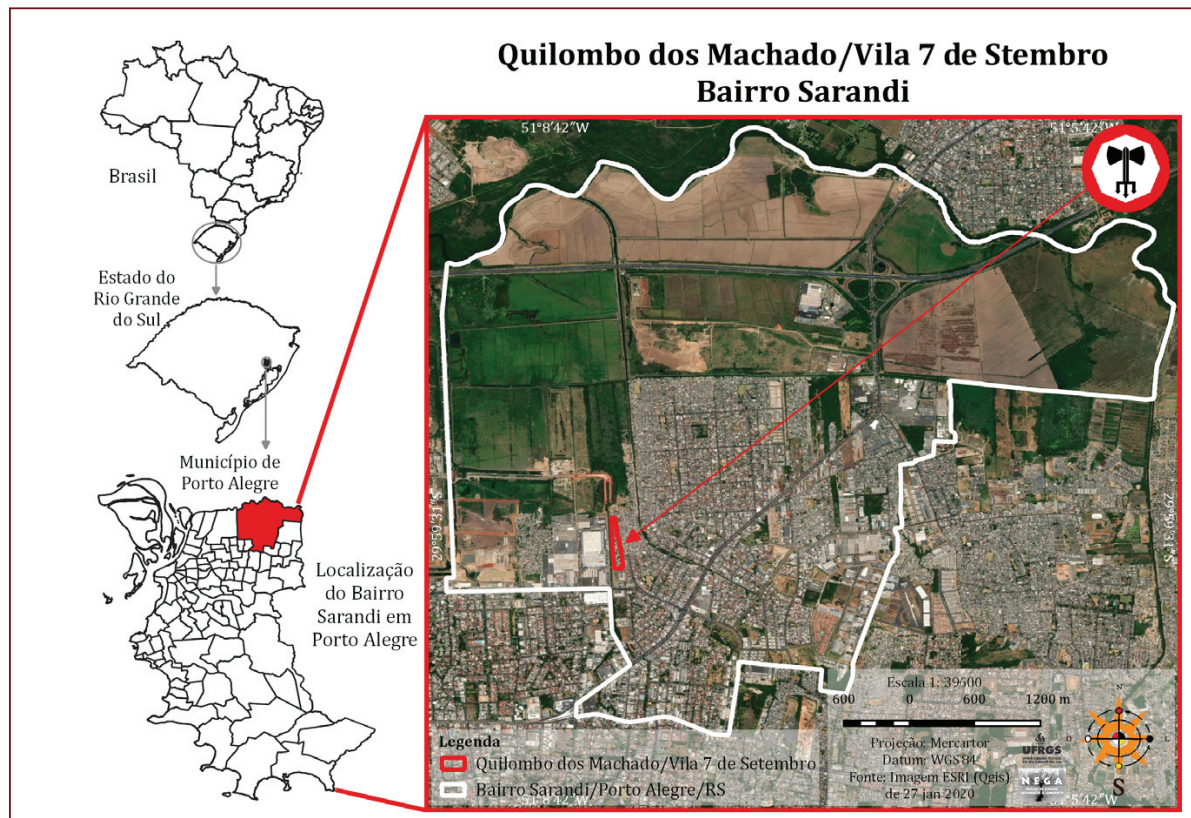


Figura 1 – Mapa de localização do Quilombo dos Machado
Fonte: NEGA (2021)



Figura 2 – A família, formada por Jamaika, por Tamires e pelo filho Lukas, são a base da organização comunitária do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Fonte: acervo de Ariel Rocha de Lima (2020)

área com a presença de muitas chácaras rurais, sobretudo, agropastoris, com economia fortemente baseada na venda de leite (uma das atividades realizadas pelo Paulo Jorge Oliveira, “Seu Bagé”, morador antigo da Vila Respeito. Após a década de 1950, o bairro cresceu, com populações oriundas das remoções, que se iniciavam, na região da Ilhota. Foi nesse período que a Vila Caiu do Céu foi removida para o bairro Sarandi e que tiveram início muitas obras de saneamento e de moradia popular. Por esse processo, o bairro possui grandes diversidades territorial e populacional.

As matriarcas Laura de Melo Moura, avó de Jamaika, e Helena Moura, sua irmã, foram das primeiras moradoras a se instalarem no território da Vila Respeito. Neste território, próximo ao atual território do Quilombo dos Machado, vive,



atualmente, Maria Lúcia dos Santos, a Tia Lúcia (Figura 3), filha de Helena e memória viva das trajetórias da família Machado na região (Figura 4).

Maria Lúcia dos Santos nasceu em maio de 1953, no município de São Francisco de Paula (Figura 5), e é a filha mais velha de José Pedroso dos Santos e de Helena Moura. A família, chegada a Porto Alegre no começo da década de 1960, instalou-se inicialmente na casa de Tia Diva, localizada próxima à Avenida Assis Brasil, na altura do atual Viaduto Obirici, que, na época, tinha uma paisagem formada por fazendas produtoras de leite (tambos), por chácaras e por esparsos loteamentos de casas. Por um tempo, Laura Melo Moura, tia de Lúcia e avó de Jamaika, também morou nesta casa.

Na década de 1970, os moradores da zona Norte de Porto Alegre foram surpreendidos com uma grave cheia, que fez transbordar o dique, que contém o avanço das águas do rio Gravataí. Desta forma, foi necessário se deslocar para os terrenos na região ao sul do dique, fazendo surgir a Vila Respeito. As primeiras famílias se instalaram, próximas a uma várzea, utilizada, na época, como campo de futebol. Já adulta, tia Lúcia foi uma das primeiras moradoras da Vila Respeito e sua casa se localizava em frente ao que chamavam de “curral”, em que havia cavalos de diferentes donos. Lúcia relata que, neste período, a única fonte de água era a torneira pública, localizada na antiga rua Francisco de Medeiros, diante da qual as famílias se enfileiravam, com baldes e com bacias, para obter água.

Pouco tempo depois, sua prima, Maria Olmira Machado Camilo, filha de Laura, veio morar na rua Jorge Lansen, distante 200 m do atual território do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro. Luis Rogério, o Jamaika, e Carina Machado Camilo e Rodrigo Machado Camilo são filhos de Maria Olmira. Com o tempo, a comunidade da Vila Respeito foi se estabelecendo e via despontar hortas e galinheiros, ao longo do território, reflexos das tradições e das necessidades das famílias, que se somavam ao território.

Com o passar dos anos e com o adensamento da população e da paisagem urbana, a Vila Respeito se tornou pequena, para acolher as jovens famílias, que surgiam, constantemente, nos movimentos da vida. Assim, em 2012, a ocupação do território do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro teve, como motivações, a disponibilidade de uma larga faixa de terreno ocioso, próximo ao território da Vila Respeito, a necessidade latente de moradia para as famílias, que residiam, amontoadas, no território, bem como retomar vínculos territoriais, que estavam presentes no cotidiano vivido da Vila Respeito.

Nessa busca pela afirmação de um lugar de moradia, que também é de luta, Kátia Marques (Figura 6), moradora do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, acompanha, desde o começo, o processo de reivindicação do território,



Figura 3 – Maria Lúcia dos Santos, Tia Lúcia
Fonte: acervo de Rita Coronel da Rosa (2018)

em 2012. Com o tempo e com a compreensão dos moradores, este processo também ganha a conotação de retomada dos territórios quilombolas, enquanto medida de reparação geo-histórica das violências e das segregações vivenciadas pelas populações escravizadas, ao longo da formação socioterritorial brasileira.

Podemos evidenciar isso, quando Kátia fala da origem do Quilombo dos Machado. Ela nos conta que, em 2012, todo o espaço tinha uso de campo. Quando se estabeleceram nesse lugar, não havia água encanada, “[...] *havia uma ‘gambiarra,’ com mangueiras, para ter água*”. A água só veio, depois de protestos, em frente ao Departamento Municipal de Água e Esgotos (DMAE), quando a comunidade conseguiu obter a atenção dos funcionários do órgão.

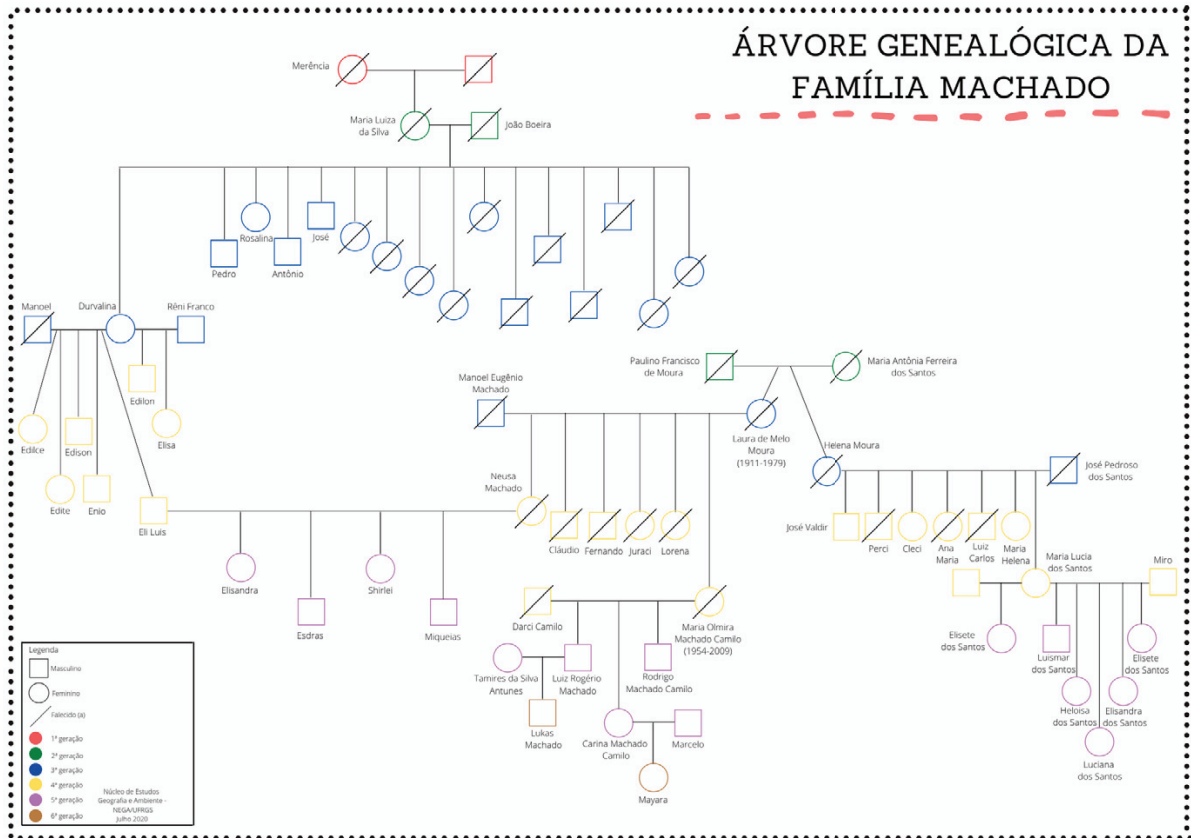


Figura 4 – Árvore genealógica da família Machado
Fonte: NEGA (2018)

No início, vieram caminhões-pipa, mas a água encanada só chegou, após três anos de ocupação. O processo de permanência sempre foi um desafio para a comunidade do Quilombo dos Machado. Kátia relata que, para que acontecesse a permanência do quilombo, muitos protestos foram realizados. Em um deles, a comunidade fechou a avenida Sertório, em frente ao Hipermercado *Wallmart* (na época, BIG) (Figura 7), e, também, em frente ao Palácio Piratini (Figura 8).

O Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro traduz, na existência da comunidade, a expressão do povo negro, sequestrado em África e explorado, ao longo da formação socioespacial do país, somado às necessidades dos colonos pobres sem terras e dos indígenas, que foram os primeiros a serem espoliados na história brasileira. Dessa forma, limitar a compreensão dos territórios quilombolas contemporâneos somente à ideia de negros e de negras descendentes de escravizados é negligenciar a complexidade da questão quilombola e das muitas tramas da segregação socioespacial brasileira. As comunidades quilombolas estão engajadas em um movimento de busca pelo reconhecimento de sua história e de suas trajetórias. É o passado vivo na memória da comunidade, que catalisa a luta pela retomada de seus territórios, por muito



Fluxos Diaspóricos da Família Machado, década de 1960

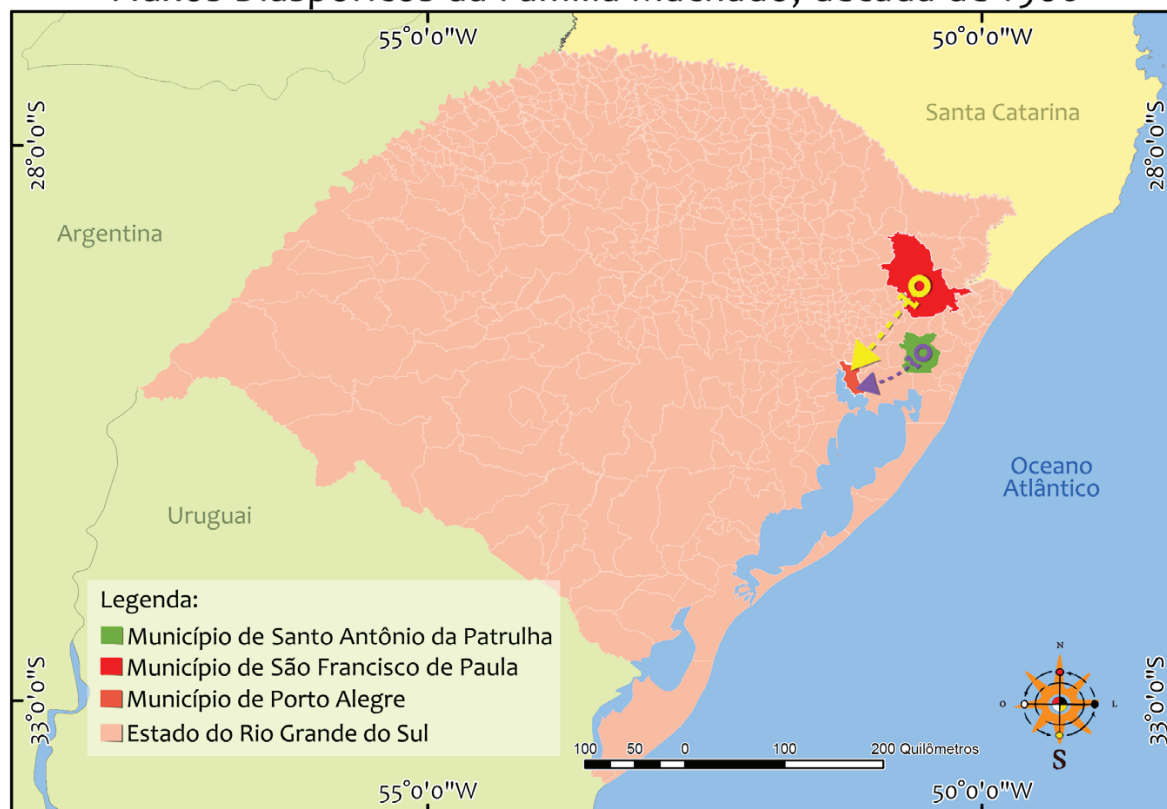


Figura 5 – Percurso da diáspora da família Machado.

Fonte: NEGA (2021)

tempo, invisibilizados. Essa luta é resultado da busca incessante desses sujeitos pelas justiças social e espacial.

Na comunidade do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, a construção e o fortalecimento da identidade quilombola e da cidadania são oportunizados pelas práticas de capoeira angola e do maculelê. As aulas de capoeira são ministradas pelos professores Elisandro Oliveira Vieira, o Caçapa (Figura 9) e Jamaica, ambos alunos antigos de Mestre Ratinho, mestre capoeira do Grupo de Capoeira Angola Rabo de Arraia (Figura 10). De acordo com Caçapa, o poder socioeducativo que a prática da capoeira traz à comunidade é fundamentalmente importante, auxiliando na construção das afirmações identitária e emancipatória, tanto dos ministrantes das aulas quanto de seus alunos.

O território do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro é um espaço de constantes conflitos de interesses e alvo de ameaças de reintegração de posse. No ano de 2020, frente à pandemia do novo Coronavírus, a comunidade continuou organizada e mobilizada, participando dos protestos e de movimentos em prol das populações negra e periférica. Na **Espiral das Resistências do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro** (Figura 11), registramos os principais momentos da luta comunitária.



Figura 6 – Kátia Marques, uma das primeiras moradoras do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Fonte: acervo de Rita Coronel da Rosa (2018)



Figura 7 – Protesto por moradia na Av. Sertório.

Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2013)





Figura 8 – Protesto pela moradia, em frente ao Palácio Piratini.

Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2013)



Figura 9 – Caçapa, professor de capoeira e capoeirista.

Fonte: acervo de Rita Coronel da Rosa (2018)

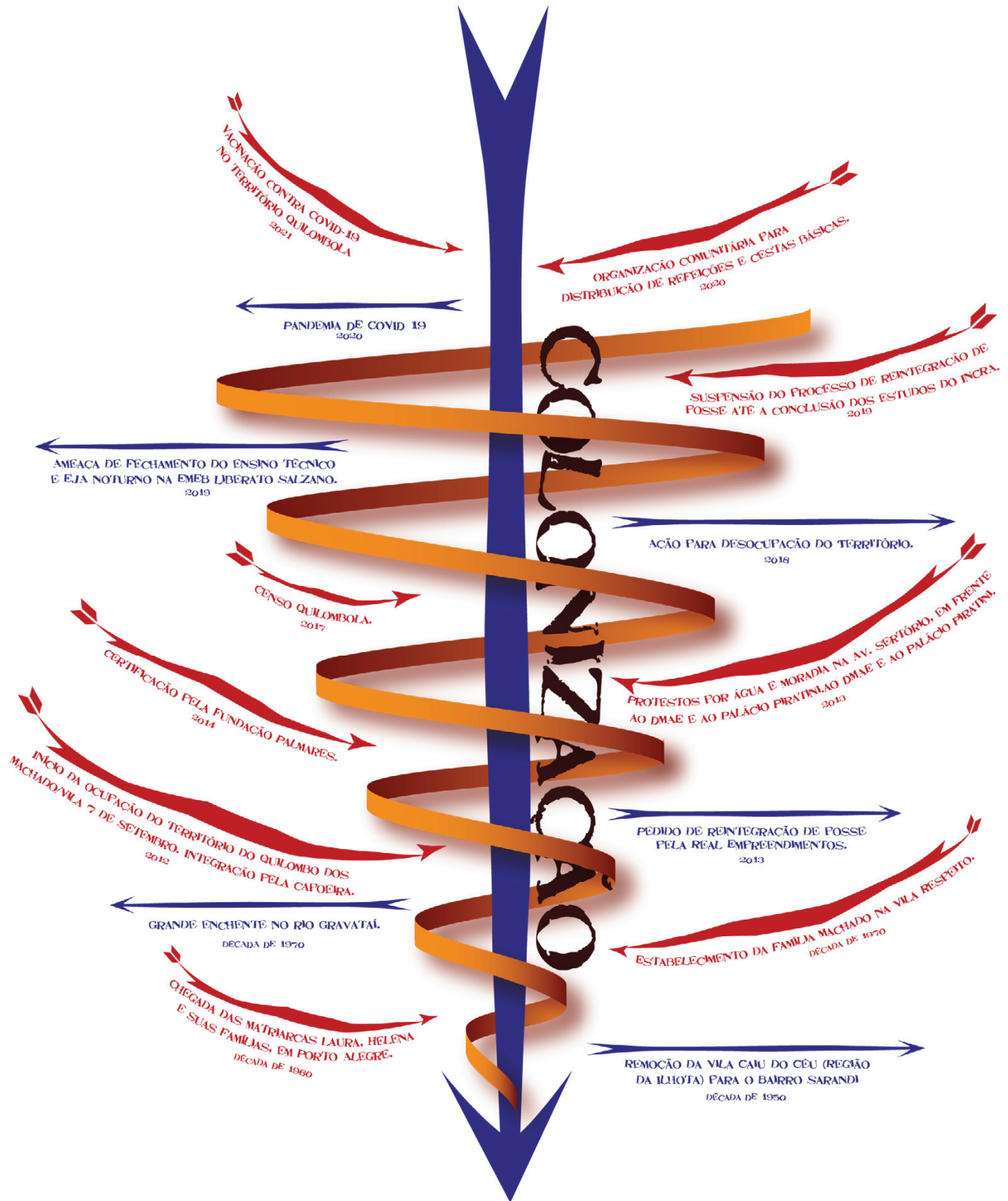


Figura 11 – Espiral das Resistências Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.
Fonte: NEGA e Jamaika, Tamires, Tia Lúcia, Kátia e Caçapa. Ilustração: Gabriel Muniz (2021)



Figura 10 – Crianças na roda de capoeira do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Fonte: acervo de Cláudia Pires (2017)

Henriques (2003) e os valores afrocivilizatórios dados por Azoilda Trindade (2010), que são enunciados pelos entrevistados, ao longo da construção dialógica dos mapas, resultantes da realização das entrevistas semiestruturadas sobre o lugar, sobre as memórias e sobre as trajetórias do entrevistado, em que registramos as marcas territoriais da comunidade, com o auxílio de uma imagem de satélite. Através do lugar de escuta (FREIRE, 2016), que ocupamos, como pesquisadora/es, desenvolvemos, em parceria com as lideranças comunitárias, as interpretações e as afirmações sobre os territórios quilombolas, que dão origem às cartografias contracoloniais.

Na cartografia **Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro: Marcadores Territoriais** (Figura 13), são apresentadas as diversas relações dos moradores da comunidade com o território quilombola. Passando por marcadores antigos, até os atuais, esses registros fazem parte das memórias e da presença do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro na cidade de Porto Alegre.

Quando as famílias chegaram à Vila Respeito, por volta da década de 1970, a paisagem era muito diferente do que podemos ver hoje, pois os usos do território se modificaram, ao longo do tempo. Antigamente, quando “[...] tudo era mato”, o território possuía campos com arroios e com lagos, que eram usados no lazer das famílias, nas brincadeiras e no banho. Havia, também, um campinho de futebol, conhecido como campo dos Cachoeira, porque os moradores mais



CARTOGRAFIAS CONTRACOLONIAIS DO QUILOMBO DOS MACHADO

Entre o segundo semestre de 2017 e ao longo de 2018, os alunos da disciplina *Organização e Gestão Territorial*, do curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com a Frente Quilombola/RS e com o Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA), participaram do censo comunitário, através do levantamento de informações socioterritoriais do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro. Deste modo, foi aplicado um questionário semiestruturado, com as intenções de reunir informações socioeconômicas e culturais das famílias e de representar o perfil da comunidade e as experiências vividas pelas famílias no território.

Além da elaboração e da aplicação do censo comunitário, os trabalhos de campo, realizados ao longo desse período (Figura 12), possibilitaram mapeamentos participativos da comunidade. Para isso, foram usadas imagens de satélite (impressão A0), abrangendo a área do quilombo e o entorno, em que foram localizadas as moradias e, também, os marcadores territoriais das cartografias contracoloniais, apresentadas neste capítulo.

O conceito de cartografia contracolonial deriva da associação teórico-metodológica das concepções de Santos (2015) e da construção metodológica da cartografia social (ACSELRAD, 2008). Associamos, ao desenvolvimento das cartografias, as construções teóricas de marcadores territoriais de Isabel



Figura 12 – Registros dos trabalhos de campo, realizados no Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.
Fonte: NEGA (2017 e 2018)



próximos do campinho, que organizavam as partidas de futebol entre os times do entorno, eram naturais de Cachoeira do Sul.

Outra prática comum daquela época e que permanece nas tradições das famílias, atualmente, é o cultivo de ervas (Figura 14). As ervas e os chás são, para muitas das famílias, a base para as curas de gripes, de dores de cabeça, de dores de estômago, de asma, entre outros problemas de saúde. As ervas mais utilizadas são: boldo, macela, capim-cidrô, camomila, arruda, hortelã, manjeriço, guaco, gengibre, babosa, pimenta do reino e chimarrão. Com essas ervas, também são praticadas, por algumas famílias, as benzeduras, os banhos de ervas e a produção de perfumes.

Uma importante iniciativa, que afirma o pertencimento territorial da comunidade do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, é a nomeação das ruas e dos acessos à comunidade (Figura 15). Batizadas pelos próprios moradores, as ruas Marley e Primavera e o beco dos Amaricas ordenam o território quilombola.

A sede da Associação do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro se caracteriza pelo uso compartilhado e multifuncional, abrangendo os usos próprios da comunidade, como assembleias e atividades culturais (Figura 16), e reuniões da Frente Quilombola/RS e demais atividades do movimento quilombola (Figura 17).

Na cartografia **Movimentos Históricos e Fluxos Cotidianos: Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro** (Figura 18), registramos a afirmação da presença comunitária no território reivindicado, destacando suas diversas relações com o entorno. Os caminhos traçados pelas famílias do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro demonstram os elos com os arredores e os vínculos da coletividade do território, desde seus percursos antigos, até os dos dias atuais.

Os deslocamentos, em função da expansão urbana de Porto Alegre, fazem parte da trajetória dos moradores do quilombo. Registramos as circulações antigas de integrantes da família Machado entre a Vila São Borja e a Vila Nova Brasília, até a fixação atual, no território do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

A circulação dos vizinhos do entorno da comunidade pelo território do quilombo também fortalece os elos da comunidade com o bairro Sarandi. Na sede da associação, são realizadas semanalmente as rodas de capoeira do Grupo de Capoeira Angola Rabo de Arraia (Figura 19), que recebe, além dos moradores da comunidade, vizinhos do entorno e do bairro Rubem Berta.

A Escola Municipal de Educação Básica Dr. Liberato Salzano Vieira da Cunha também faz parte dos caminhos traçados pelas famílias do Quilombo

Legenda



Eucalipto



Sede da Associação:
Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro



Poço da Associação



Biblioteca da Associação



Terreira do Paulo



Protestos da comunidade



Casa atual da Tia Lúcia



Casa do Jamaica, Thamires e Lucas



Pracinha Joãozinho Chorão e Mariazinha

----- Muro da Burguesia

----- Dique Sarandi



Antigo Curral



Antiga carroceria branca



Bomba d'água



Ponte



Origem da Vila Respeito



Antigo Campinho



Antigos campos com presença de arroios e lagos. Área de coleta de ervas, banhos, brincadeiras e pastagens



Origem da retomada do território, em 07/09/2012



Figura 13 – Mapa dos Marcadores Territoriais do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro. Elaboração: NEGA (2020)

Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro

Marcadores Territoriais

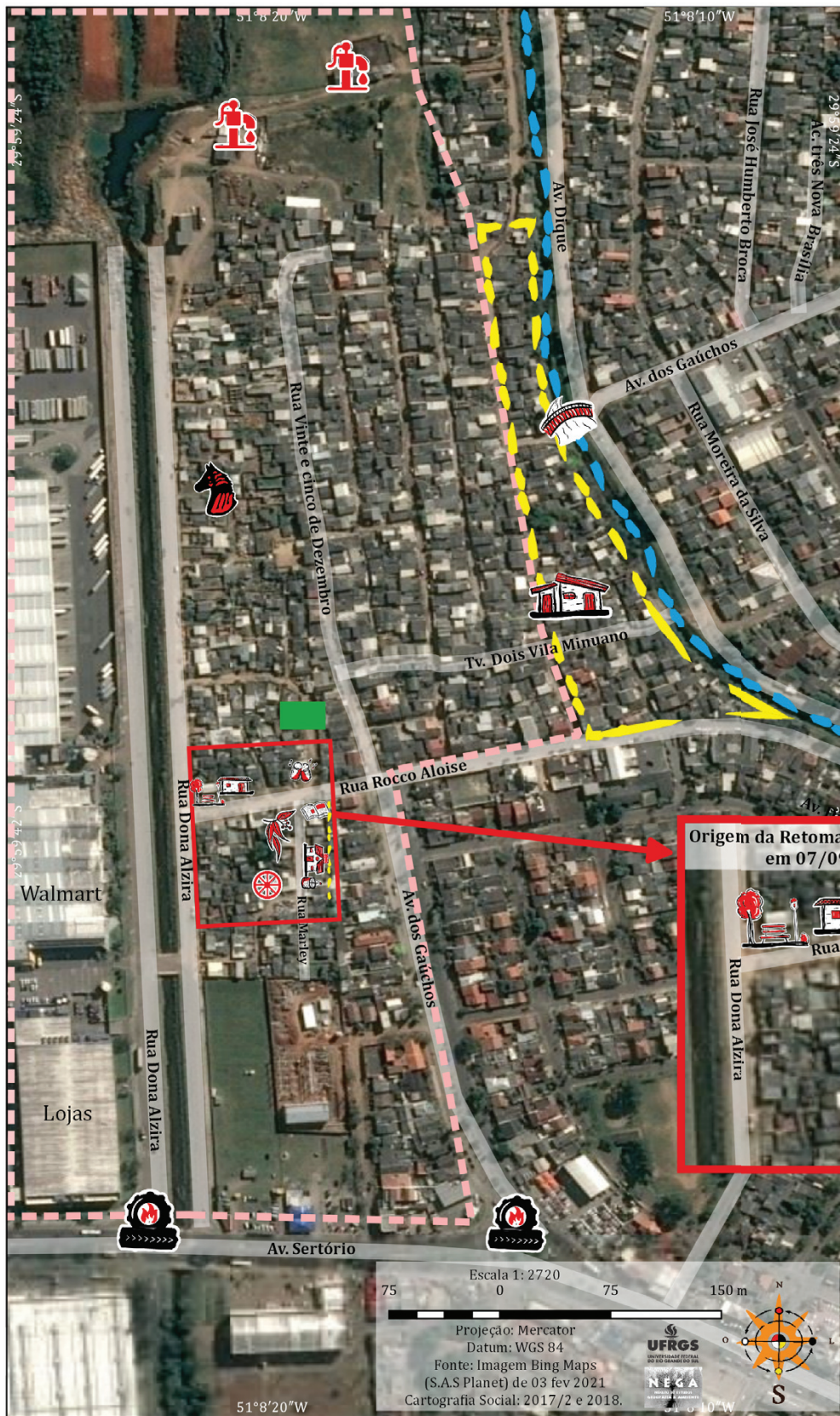




Figura 14 – Ervas e chás, cultivados pelos moradores do Quilombo dos Machado.

Fonte: NEGA (2018)



Figura 15 – Ruas e becos nomeados pela comunidade ordenam o território quilombola.

Fonte: acervo de Gabriel Muniz (2017)





Figura 16 – Natal comunitário na sede da Associação Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2019)



Figura 17 – Aditivo da Assembleia dos Povos na sede do Quilombo dos Machados/Vila 7 de Setembro, em agosto de 2019.

Fonte: NEGA (2019)



dos Machado. Em 2019, a escola sofreu uma tentativa de fechamento do ensino médio e dos cursos técnicos, que afetaria diretamente a educação dos moradores da comunidade. A escola, junto com as forças somadas da comunidade escolar, resiste às tentativas de desmonte da educação pública em Porto Alegre. Em dezembro de 2019, a escola também sediou a IV Assembleia dos Povos, com a presença dos alunos moradores do Quilombo dos Machado e de representantes das demais comunidades quilombolas e indígenas de Porto Alegre (Figuras 20 e 21).

Por fim, na cartografia **Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, 1972** (Figura 22), apresentamos o mapa de perícia da comunidade. Neste mapa, são evidenciados os vínculos territoriais das famílias, décadas antes da ocupação, em 2012, do terreno, em que, atualmente, está instalado o Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Para a elaboração deste mapa, utilizamos uma fotografia aérea, fornecida pelo Departamento Autônomo de Estradas e Rodovias (DAER), que data do ano de 1972. Na perícia, feita na imagem aérea, o território do Quilombo dos Machado está destacado, assim como a origem da Vila Respeito, que integra os caminhos percorridos, até a chegada no território reivindicado pela comunidade.

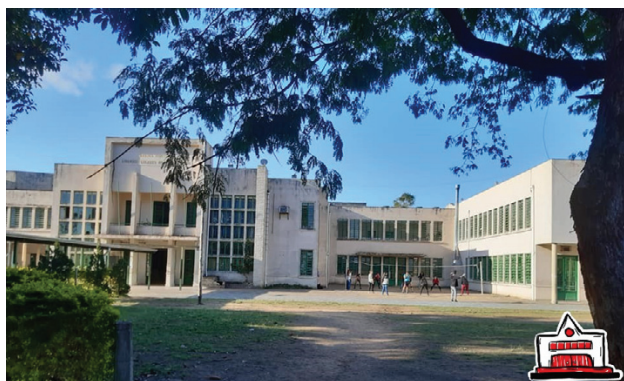
Observando e comparando a imagem com os dias atuais, é possível notar as alterações surgidas, a partir da expansão urbana de Porto Alegre, que impactou o Bairro Sarandi. O que era área rural, até a primeira metade do século XX, passou rapidamente a ser loteado por companhias imobiliárias, para atender ao crescimento da cidade. A especulação imobiliária no entorno da área do Quilombo gerou e continua gerando conflitos territoriais, mas as diversas narrativas dos moradores do Quilombo dos Machado e a organização comunitária contribuem para a afirmação quilombola nas lutas, nas resistências e nas continuidades dos saberes, das práticas religiosas e dos costumes de resistência, herdados de seus ancestrais (Figura 23).




Figura 19 – Prática da capoeira no Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.
Fonte: acervo de Cláudia Pires (2017)




Figura 20 – Jamaika, falando na IV Assembleia dos Povos, realizada na EMEB Liberato Salzano.
Fonte: arquivo da Frente Quilombola/RS (2019).



Legenda


 Sede da Associação:
Quilombo dos Machado/ Vila 7 de Setembro


 Escola Municipal de Ed. Básica
Liberado Salzano Vieira da Cunha


 Unidade de Saúde Sarandi


 Carnetti


 Vila São Borja


 Primeira casa da Tia Lúcia


 Atual casa da Tia Lúcia


 Matriz religiosa: Dona Tereza


 Benzedeira: Dona Lúcia


 Casa onde ocorrem as festas de Ogum

 Casa da Cila de Iemanjá e
Terreira da Gládis

 Dique Sarandi

 Travessia de Recicladores

 Fluxo cotidiano de moradores da comunidade
e moradores da Rubem Berta para a prática
de Capoeira

 No passado, movimento de
Tia Lúcia em Direção à Vila São Borja


 No passado, movimento de Tia Lúcia
em Direção à Nova Brasília

Figura 18 – Mapa dos movimentos históricos e cotidianos do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Elaboração: NEGA (2020)

Fonte: UFRGS/NEGA. **Relatório Geográfico do Quilombo dos Machado/Vila 07 de Setembro/Cartografia Social.** Organização e Gestão Territorial, turma de 2019/1. Porto Alegre, 2019. (Não publicado)

Movimento Histórico e Fluxos Cotidianos Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro

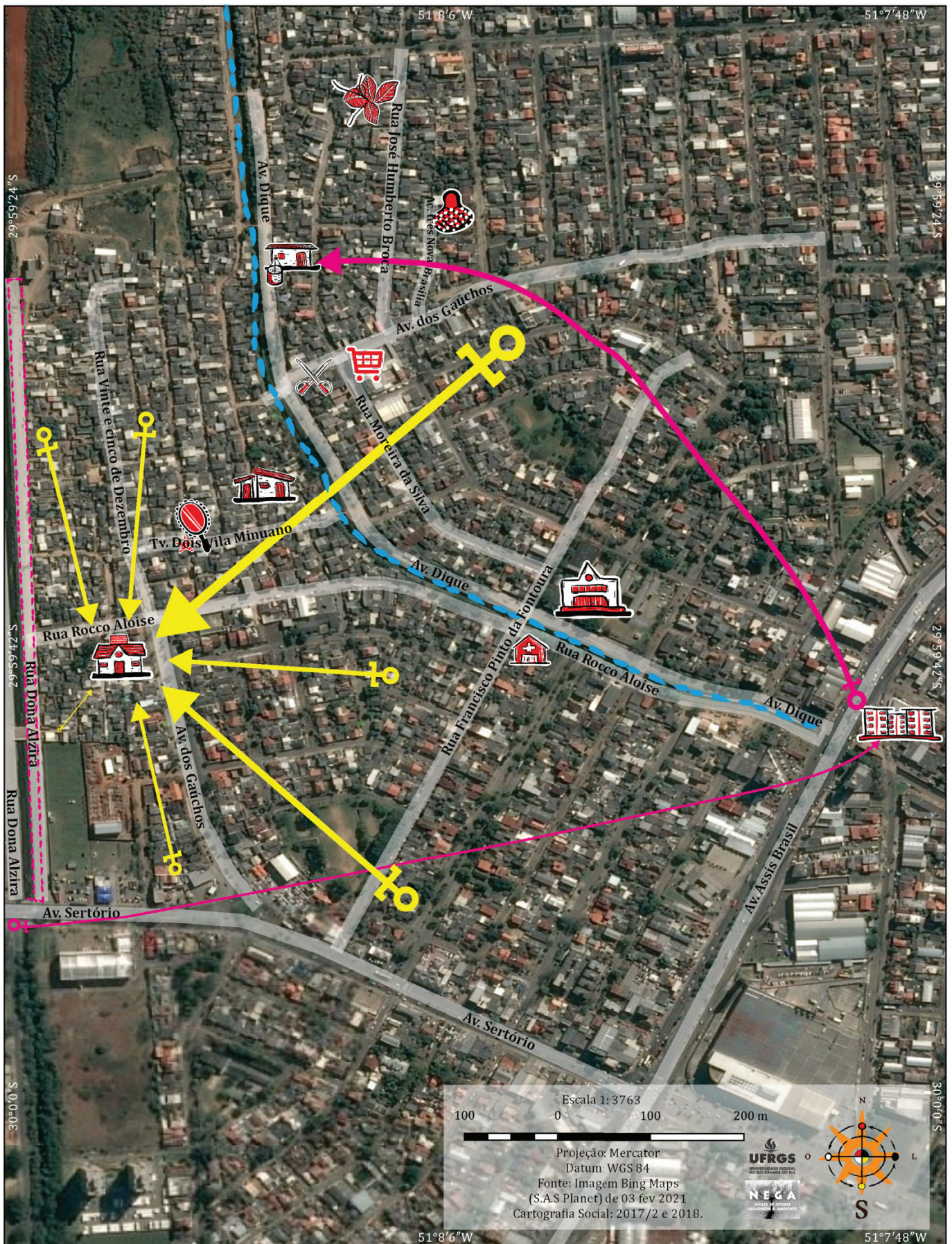




Figura 23 – Mutirão, para a instalação de poste de luz de iluminação pública.
Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2019)



Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, 1972



Legenda

| | | |
|---|----------------------------|---|
| Av. Sertório | Escola Liberato Salzano | Território atual (2021) do Quilombo dos Machado/ Vila 7 de Setembro |
| Av Assis Brasil | Escola Aurora | Origem da Vila Respeito |
| Rua Rocco Aloise | Ponte | Tambo de leite |
| Av. Dique | Primeira casa da Tia Lúcia | Futura localização da loja Walmart |
| Futura instalação CEEE | Poço na casa da Tia Lúcia | Dique Sarandi |
| Campos com presença de arroios e lagos. Área de coleta de ervas, banhos, brincadeiras e pastagens | Antiga torneira pública | Bomba d'água |

Informações da Aerofotografia

Imagem de 1972 do Bairro Sarandi. Fonte: DAER. Aquisição em 07/11/2019.



Figura 22 – Fotografia aérea do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro e de seu entorno, em 1972. Fonte: NEGA (2020)



Figura 21 – Assembleia dos Povos na Escola Liberato Salzano Vieira da Cunha, em dezembro de 2019.

Fonte: arquivo do Quilombo Lemos (2019)

TRAVESSIAS EM CURSO PELA COMUNIDADE

Apresentamos, neste capítulo, o pertencimento territorial do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro, fazendo referência ao relatório, produzido pelo NEGA, pelas turmas de *Organização e Gestão Territorial* e pela comunidade, em 2017 e em 2018. Estes materiais constituem um instrumento técnico, que trata do reconhecimento territorial e da afirmação espacial da comunidade no bairro Sarandi, na zona Norte de Porto Alegre (RS). Os dados são oriundos da coleta de informações, obtidas no trabalho de campo e na realização do mapeamento coparticipativo.

Ressaltamos que as comunidades quilombolas não podem ser generalizadas nem consideradas territórios homogêneos, que apresentam formas idênticas de organização social e de distribuição espacial, sendo metodologicamente equivocado construir um modelo, como instrumento de pesquisa indiscriminado, a ser utilizado para todas as comunidades ou, mesmo, usar somente informações universais, dispostas por instituições oficiais. Considerando o Decreto nº 4.887/2003, é previsto procedimento como este, a fim de compreender as dinâmicas geográficas dos vínculos territoriais e a caracterização socioambiental



da comunidade estudada, a fim de subsidiar o reconhecimento do território quilombola, por parte do Estado.

Atualmente, a comunidade do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro aguarda a conclusão dos estudos técnicos, realizados pelo Instituto Nacional de Reforma Agrária (INCRA), para a demarcação e posterior titulação do território. As disputas territoriais de reintegração de posse, movidas pela imobiliária Real Empreendimentos, estão suspensas, até a conclusão dos estudos, porém a comunidade segue vigilante.

Em 2020, a pandemia do Coronavírus vem apresentando as expressões desumanas do racismo estrutural, presente na organização urbana da cidade, e do genocídio, direcionado aos povos tradicionais, impactando indígenas e quilombolas, como acontece, historicamente, em Porto Alegre. Apesar dessas ações de desestruturação territorial, a comunidade segue nos cuidados com o seu bem-viver, mantendo as atividades de ações comunitárias e as suas redes de apoio, para o enfrentamento da pandemia (Figuras 24, 25 e 26).



Figura 24 – Atividade pedagógica, desenvolvida no Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro.

Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2021)



Figura 25 – Arrecadação e distribuição de cestas básicas para as famílias, durante a pandemia

Fonte: arquivo do Quilombo dos Machado/Vila 7 de Setembro (2020)



Figura 26 – Vacinação contra o Coronavírus no território Quilombola.

Fonte: Frente Quilombola RS (2021)



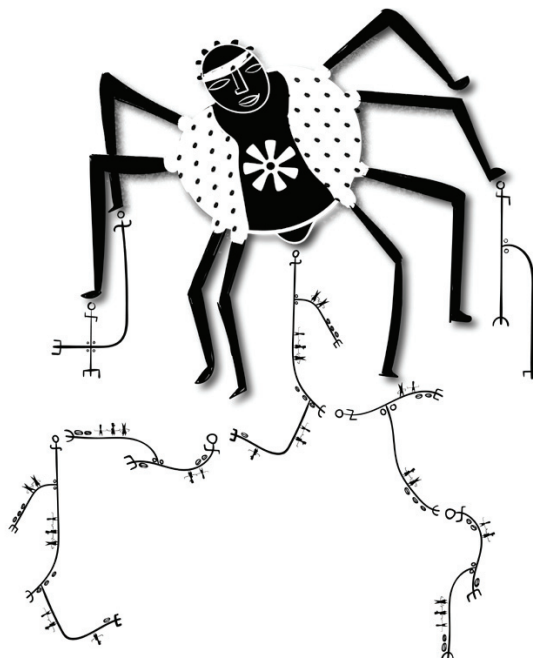
CONVERSANDO SOBRE O QUE ESTAMOS APRENDENDO...

I. Proposta para atividades pedagógicas:

1. **Temática:** O Quilombo dos Machado: história e identidade.
2. **Objetivos:**
 - Conhecer aspectos da cultura e da história do Quilombo dos Machado;
 - Valorizar os saberes tradicionais e a identidade quilombola.
3. **Atividade**

1. O Quilombo dos Machado está localizado na zona Norte da cidade de Porto Alegre, sendo formado por mais de 300 famílias, oriundas da Vila Respeito, e, também, por imigrantes estrangeiros, principalmente, haitianos, além de alguns brasileiros nordestinos e nortistas.

Alguns aspectos culturais se destacam nessa comunidade. As imagens a seguir estão relacionadas a práticas culturais significativas na comunidade do Quilombo dos Machado:





- a. Quais aspectos culturais são representados nas imagens?
- b. De que maneira as rodas de capoeira contribuem para a construção das afirmações identitária e emancipatória da comunidade do Quilombo dos Machado?
- c. Para que são utilizadas as ervas cultivadas no Quilombo dos Machado?
- d. Que outros aspectos culturais podemos identificar no Quilombo dos Machado?
- e. A imagem a seguir é uma fotografia aérea, obtida por um drone, na qual podemos observar parte da comunidade quilombola dos Machado. É a visão de cima da paisagem. Com base no que você aprendeu sobre vivência quilombola no texto, desenhe e represente a paisagem do Quilombo dos Machado e analise por qual razão as visões de cima e de fora não são suficientes para representar o quilombo.



Fonte: acervo de Tiago Fischer (2020)



REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias Sociais e Território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

BRASIL. **Lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Brasília: Casa Civil, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade**: o desmantelamento da terra africana e a construção – da Angola colonial (c. 1872-c. 1926). Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: www.africafederation.net/desmantelamento_africano.pdf. Acesso em: 1º mar. 2013.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e significações. Brasília: UnB/INCTI, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Percurso Metodológico. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.). **Modos de Brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. (Coleção A Cor da Cultura, v. 5)

UFRGS/NEGA. **Relatório Geográfico do Quilombo dos Machado/Vila 07 de Setembro/ Censo parte 1**. *Organização e Gestão Territorial*, turma de 2018/2. Porto Alegre, 2018. (Não publicado)

UFRGS/NEGA. **Relatório Geográfico do Quilombo dos Machado/Vila 07 de Setembro/ Cartografia Social**. *Organização e Gestão Territorial*, turma de 2019/1. Porto Alegre, 2019. (Não publicado)

UFRGS/NEGA. **Relatório Geográfico do Quilombo dos Machado/Vila 07 de Setembro/ Censo parte 2**. *Organização e Gestão Territorial*, turma de 2019/2. Porto Alegre, 2014. (Não publicado)

FICHA TÉCNICA – QUILOMBO DOS MACHADO

Relatório técnico e texto didático-pedagógico: Carlos Henrique de Oliveira Aigner, Cláudia Luísa Zeferino Pires, Elisandro Oliveira Vieira, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Giulia Assunção Sichelero, Kátia Marques, Lara Machado Bitencourt, Laura Isabel dos Santos Flores, Luís Rogério Machado Camilo, Rodrigo Machado Camilo, Maria Lúcia do Santos, Vanda Tamires da Silva Antunes e William de Oliveira Silva da Silva.

Fotografia: Ariel Rocha de Lima, Cláudia Luisa Zeferino Pires e Rita Coronel da Rosa Ribeiro.

Ilustração: Gabriel Muniz de Souza Queiroz.

Cartografias: Cláudia Luisa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Hiago Godoi Barth, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Matheus Eilers Penha e Winnie Ludmila Mathias Dobal.



Trabalho de campo: Ariel Rocha de Lima, Cláudia Luisa Zeferino Pires, Gabriel Muniz de Souza Queiroz, Giulia Sichelero, Hiago Godoi Barth, Josiel Ferreira, Kátia Marques, Laisa Zatti Ramirez Duque, Lara Machado Bitencourt, Laura Flores, Luís Rogério Machado Camilo “Jamaika”, Marcos Aurélio Pia, Maria Lúcia do Santos, Mariana Nicolini Acosta, Marina Vargas Leonhardt, Matheus Eilers Penha, Onir de Araújo, Patrícia Gonçalves Pereira, Paulo Jorge Oliveira ‘seu Bagé’, Rodrigo Machado Camilo, Ravi Zanola, Vanda Tamires da Silva Antunes “Tamy”, William de Oliveira Silva da Silva e Winnie Ludmila Mathias Dobal.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à comunidade do Quilombo dos Machado/Vila 7 de setembro, em especial, aos companheiros de luta Tamires e Jamaika Machado, pela acolhida, pelo diálogo e pelas muitas conquistas, que ainda estão por vir. Agradecemos ao movimento social Frente Quilombola do RS e ao Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombos (IACOREQ/RS), que se dispuseram na mediação e no diálogo, junto à comunidade, sobretudo, no amparo jurídico através do advogado Onir de Araújo. Agradecemos, também, a historiadora Maria do Carmo Moreira Aguilar que acompanhou os trabalhos de campo. E agradecemos, também, aos alunos da disciplina *Organização e Gestão Territorial* na construção dos relatórios: (2017/2) Alexandre Edson Perin Wentz, André Vicente Liz, Bruna Bianchi Cagliari, Bruna Zanatta Moraes, Bruno dos Santos Hofman, Cátia Cilene Pereira Froehlich, Claudio Evandro Bublitz, Daniela Santos da Rocha, Frederico Alférgi de Brito Schuh, Gabriel Augusto Breda, Ingrid da Silva Ronconi, Leonardo Cardoso Gomes, Lidia Aumond Kuhn, Lucas Dall'agnol Pedrassani, Norton Buscher, Pablo Ricardo Prandini, Pétersson Oliveira Silveira, Raí Goulart Netto, Rosane Nunes dos Santos, Winnie Ludmila Mathias Dobal; (2018/1) Ana Rita Oliveira Hahn, Andres Felipe Vigoya Sarmiento, Ariel Rocha de Lima, Bruno dos Santos Hofman, Carlos Alberto Marcelino Andrade, Gabriel Zimmermann Vargas, Gerson Brezola da Silva, Janaina Isolde de Campos Noronha, Laisa Zatti Ramirez Duque, Leonardo Oliveira Sassi, Lucas Flores Luz, Marina Vargas Leonhardt, Paulo Roberto Antunes Manzzoni, Rita Coronel da Rosa Ribeiro, Sandra Milena Forero Castro; (2018/2) Carina Richardt de Carvalho, Cleo Cunha Antonio, Diego Mittmann Kaiser Barboza, Felipe Antônio Gräf, José Jorge Cavalcante Lopes, Lorenzo Seganfredo Albornoz, Luísa Amato Caye, Luisa de Antoni Bassanesi, Luisa Koetz Spolavori, Manoela Barboza Rodrigues, Mariana Fontana Santana Nunes, Mariana Nicolini Acosta, Miguel Angel Franco Hernandez, Pedro Amaral Reis, Pedro Massochin Medeiros, Richard dos Santos Afonso e pelas contribuições ao trabalho de campo: André Vicente Liz, Débora Bartz, Nicole Ferreira e Ramon Coelho.

